



PROSÓDIA E SINTAXE/SEMÂNTICA

JOSÉ BORGES NETO*

RESUMO

Aparentemente, os enunciados escritos são mais ambíguos do que os enunciados orais e, segundo opinião corrente, a prosódia seria um importante elemento desambiguador. Nossa questão se prende à falta de indicações claras sobre o modo como a prosódia se relaciona com as estruturas sintáticas e semânticas de forma a eliminar — ao menos parcialmente — as ambiguidades estruturais. Tomamos como exemplo uma sentença escrita que pode ter cinco leituras, na medida em que pode se estruturar sintaticamente de cinco formas distintas, e buscamos problematizar a opinião de que a prosódia poderia reduzir a ambiguidade da sentença pela associação de perfis melódicos específicos para cada leitura identificada.

Palavras-chave: ambiguidades, prosódia, desambiguação, sentenças faladas e escritas

ABSTRACT

Apparently, the written statements are more ambiguous than the oral statements and, according to current opinion, prosody would be an important disambiguating element. Our question is related to the lack of clear indications on how the prosody relates to syntactic and semantic structures in order to eliminate — at least partially — structural ambiguities. We take as an example a written sentence that can have five readings, in that it can be structured syntactically in five different ways, and we seek to problematize the opinion that the prosody could reduce the ambiguity of the sentence by the association of specific prosodic structures for each reading identified.

Keywords: ambiguities, prosody, disambiguation, oral and written sentences

* Universidade Federal do Paraná, UFPR, e Universidade Estadual do Oeste do Paraná, UNIOESTE. Professor titular sênior, e-mail: borgesnetojose@gmail.com.

Em 1999, publiquei um pequeno texto que, entre outras coisas, abordava as ambiguidades apresentadas pela sentença *O ladrão tirou a chave da porta da frente*, apresentada na forma escrita.¹ O texto retomava uma comunicação que fiz no I Simpósio Nacional de Estudos Linguísticos (SNEL), realizado em João Pessoa, na UFPB, em 1997.

A escolha da sentença analisada se deveu a dois eventos, distintos e relacionados: (i) escolhido por acaso para um exercício de reconhecimento de ambiguidades estruturais numa aula de semântica na graduação em Letras da UFPR, o exemplo teve três leituras distintas identificadas; (ii) curioso com o resultado, resolvi processar o exemplo num analisador sintático, escrito em PROLOG por meus alunos de linguística computacional², que tinha por finalidade justamente reconhecer ambiguidades estruturais.

Para minha surpresa, o programa propôs cinco possibilidades de organização sintática (e semântica) para a sentença. As estruturas eram as seguintes:

- (1) O ladrão TIROU (a chave) (da porta da frente)
- (2) O ladrão TIROU (a chave da porta da frente)
- (3) O ladrão TIROU (a chave da porta) (da frente)
- (4) O ladrão TIROU {a [(chave da porta) (da frente)]}
- (5) O ladrão TIROU (a chave) (da porta) (da frente)

Em todos os casos afirma-se que há um ladrão e que ele tirou algo. O que muda é o objeto que foi tirado e o lugar de onde foi tirado.

Em (1), o ladrão tira a chave que estava na porta da frente (*paráfrase*: havia uma chave na porta da frente e o ladrão a tirou). O objeto tirado é a chave e o lugar de onde foi tirado é a porta da frente.

Em (2), o ladrão tira, de algum lugar não explicitado, a chave da porta da frente (*paráfrase*: havia uma chave da porta da frente e o ladrão a tirou de algum lugar). O objeto tirado é a chave da porta da frente e o lugar de onde ele é tirado está omitido. O ladrão poderia ter tirado a chave do bolso, por exemplo.³

1 Ver Borges Neto (1999).

2 Entre os anos 1989 e 2000, lecionei uma disciplina de linguística computacional, obrigatória, no Bacharelado em Computação da UFPR.

3 Um dos avaliadores comentou que essa estrutura fere a subcategorização do verbo *tirar*, que seria “tirar (algo) (de algum lugar)”. Suponho que sim. Mas me parece muito frequente que as subcategorizações sejam desobedecidas sempre que algum elemento seja saliente no contexto. Suponhamos um filme em que aparecem em cena um ladrão e seu cúmplice; o ladrão remexe no bolso, tira uma cópia da chave da porta da frente e a mostra ao cúmplice. Um narrador poderia perfeitamente dizer: “o ladrão tirou a chave da porta da frente e a mostrou ao cúmplice”, ou seja, o lugar de onde a chave foi tirada é dado pelo contexto.

Em (3), há uma chave da porta e o ladrão a tira da frente (*paráfrase*: o ladrão tira da frente — passa para trás ou para o lado — a chave da porta). O objeto tirado é a chave da porta e o lugar de onde é tirado tem a ver com a localização espacial da chave com relação ao ladrão: a chave é retirada da frente do ladrão e colocada em alguma outra posição.

Em (4), há mais de uma chave da porta e o ladrão tira a que está na frente (*paráfrase*: dentre as várias chaves da porta, o ladrão tira a que está na frente). O objeto tirado é a chave da porta que está na frente (é a primeira numa série de pelo menos duas chaves da porta) e o lugar de onde é tirado está omitido.

A diferença entre (3) e (4) é o escopo do predicado *da frente*: em (3) é um adverbial locativo e predica o evento (o ladrão tira; tira a chave da porta; tira da frente); em (4) é um qualificador e predica *chave da porta* (a chave da porta que o ladrão tira é a chave da porta que está na frente). Essa interpretação (4) não se confunde com (1), já que em (1), mesmo sendo um qualificativo, a expressão *da frente* predica *porta* e não *chave da porta*.

O caso de (5) merece alguns comentários. Em primeiro lugar, não foi possível encontrar uma leitura adequada para ele. O problema está no lugar de onde a chave — que é o objeto — foi tirada. Tanto a porta quanto a posição espacial da chave relativamente ao ladrão são possibilidades, mas o lugar de onde a chave foi tirada não pode ser, ao mesmo tempo, a porta e a frente do ladrão. Mas se tivéssemos algum outro tipo de adverbial no lugar de *da frente* (por exemplo, um adverbial de modo ou de tempo), a coexistência de duas posições adverbiais seria plenamente possível:

(6) O ladrão TIROU (a chave) (da porta) (discretamente).

(7) O ladrão TIROU (a chave) (da porta) (de manhã).

Ou seja, a estrutura localizada pelo programa, com dois adverbiais, é possível, embora não com dois indicadores de lugar.⁴

Essa é basicamente a análise da sentença que está no texto de 1999, embora eu a tenha ampliado e detalhado melhor aqui.

Na sequência, não quero refletir sobre relações entre sintaxe e semântica, como fiz em 1997 (e em 1999), mas sobre relações entre a fonologia (particularmente, a prosódia) e a sintaxe/semântica.⁵

4 Talvez o impedimento, mas isso é apenas uma impressão, seja quanto à coexistência de dois adverbiais de mesmo tipo. Por exemplo, ?O ladrão TIROU (a chave) (de manhã) (à noite).

5 Deixo claro, desde já, que não sou fonólogo nem foneticista e que, desde há muito tempo, estou distante das questões de fonética e de fonologia (em particular das questões relativas à prosódia). Aproveito para agradecer aos dois avaliadores que emitiram pareceres favoráveis à publicação deste texto, não só pelos comentários sempre pertinentes, mas também por algumas sugestões de leituras que, certamente, me serão úteis.

Muita gente tem me advertido que essas ambiguidades estruturais só existem na escrita e que, se a sentença for falada, a prosódia fatalmente vai decidir o significado pretendido pelo falante. Entendo e concordo (em parte) com a advertência.⁶ Mas isso coloca uma série de outras questões e é com essas questões que quero me ocupar no restante do texto.

Em primeiro lugar, quero problematizar a afirmação de que nosso exemplo é uma *sentença*. Na verdade, parece tratar-se, de início, apenas de uma *cadeia de símbolos*. Essa cadeia de símbolos só passa a ser uma sentença ao receber uma estrutura de constituintes, o que me permite dizer que estamos diante de uma cadeia de símbolos que pode se tornar quatro sentenças diferentes.⁷ Como cada uma das quatro sentenças parece ter um significado próprio, diferente dos significados das outras três, posso dizer que cada sentença representa um evento distinto em que o objeto do verbo (o objeto tirado pelo ladrão) e/ou a ação praticada pelo ladrão (o “de onde” tira e o que faz com o objeto) não são idênticos.

Se for possível dizer, então, que cada uma das quatro sentenças pode ser identificada por meio de um conjunto particular de marcas prosódicas que a singularizam quando pronunciada, posso pensar numa relação mais forte entre a prosódia e a sintaxe/semântica.⁸

Meu raciocínio é o seguinte:

- 1 Quando o falante pronuncia ou escreve a expressão *o ladrão tirou a chave da porta da frente*, ele faz duas coisas: produz uma cadeia de símbolos e pretende relatar um dentre quatro eventos possíveis. Ou seja, o falante tem alguma intenção comunicativa — clara para ele, mas não necessariamente para os ouvintes — associada com a produção da cadeia.
- 2 O falante pretende, também, que o ouvinte chegue à interpretação “correta” de sua intenção. Isso é, ele pretende que o ouvinte identifique adequadamente o evento que está sendo relatado.
- 3 Se a gramática internalizada do falante e do ouvinte é a mesma, ambos serão capazes, idealmente, de identificar as quatro sentenças que podem resultar da cadeia de símbolos produzida.

6 Obviamente, como sugere um dos avaliadores, haverá sentenças ambíguas na escrita que continuarão ambíguas na fala. Minha questão central é quanto dessas ambiguidades presentes na escrita podem ser resolvidas na fala, pela prosódia, e como isso seria feito.

7 Estou ignorando a estrutura (5), já que aparentemente ela só pode ser aplicada a cadeias de símbolos parcialmente diferentes do nosso exemplo inicial.

8 Parece claro para mim que um leitor não conseguirá entender adequadamente um texto escrito sem projetar nele uma estrutura prosódica. Talvez o único jeito de sabermos se alguém consegue ler e interpretar um texto seja o de pedirmos que ele leia o texto em voz alta, quando necessariamente terá que escolher uma estrutura prosódica e transformar em sentenças o que inicialmente são apenas cadeias de símbolos. Em Cagliari (1996, p. 47), encontramos afirmação no mesmo sentido.

- 4 Então, ao pronunciar a cadeia de símbolos, o falante busca indicar — também idealmente — qual das possíveis sentenças está sendo realizada. Como não é possível pensar que o falante indique *diretamente* a estrutura de constituintes que tornará a cadeia uma sentença, ele só pode fazê-lo, *indiretamente*, por meio de recursos suprasegmentais.⁹
- 5 Logo, deve haver algum conjunto de regras prosódicas que marquem a estrutura de constituintes de uma sentença pronunciada. Por outro lado, a ideia de que não existiriam marcas prosódicas claras que determinem a estrutura de constituintes tem como consequência a conclusão de que a ambiguidade na fala é tão grande quanto a ambiguidade na escrita — e que a advertência de que a pronúncia resolve a ambiguidade não faz sentido.

Os trabalhos que conheço¹⁰ que tratam da prosódia fazem basicamente uma das seguintes coisas: (i) abordam fenômenos suprasegmentais relacionados a palavras (acentos, tons etc.); (ii) estudam o papel da prosódia relacionada aos “tipos” de enunciados (afirmações, perguntas abertas, perguntas sim-ou-não etc.); (iii) estudam alguns poucos processos sintáticos que exigem prosódias específicas (topicalização, focalização etc.); ou (iv) estudam a presença da prosódia como um elemento discursivo, textual (Luiz Carlos Cagliari, por exemplo, faz a seguinte afirmação: “Sua [da prosódia] função precípua está no nível do texto, do discurso” (CAGLIARI, 1996, p. 50)).¹¹

Invariavelmente, quando tratam de sentenças, esses trabalhos partem de estruturas sintáticas já descritas. Por exemplo, diante de sentenças como *o ladrão tirou a chave da porta da frente*, o primeiro passo é o de estabelecer as árvores sintagmáticas relacionadas às diversas leituras. Vou exemplificar só com os casos (1) e (2), que poderiam apresentar as seguintes estruturas de constituintes:

(1') {{[O ladrão] [TIROU (a chave) (da porta da frente)]}}

(2') {{[O ladrão] [TIROU (a chave da porta da frente)]}}

As parentetizações de (1') e (2') indicam as fronteiras de constituintes e as distintas prosódias que poderiam distinguir as duas leituras seriam associadas às fronteiras demarcadas. Assim, em (1'), temos a possibilidade de um evento prosódico (uma marca prosódica, como uma pausa, por exemplo) entre *ladrão* e *tirou* ou entre *chave* e *da porta*, já que nesses lugares há

9 Certamente, se consciente da ambiguidade da sentença, o falante poderá enunciar — em substituição ou como correção adicional — outra sentença que esclareça o sentido pretendido.

10 Os poucos que conheço.

11 Não posso deixar de registrar que Cagliari (1996) não ignora a possibilidade de que marcas prosódicas estabeleçam distinções sintáticas frásticas. Ele analisa rapidamente casos de predicados secundários (caso 1, p. 51) ou casos de tópicos (caso 2, p. 52). Embora Cagliari não avance muito na questão, a seguinte afirmação mostra que ele já prevê algo como o que estamos propondo aqui: “[U]ma das funções dos elementos prosódicos é unir ou romper a ligação que uma palavra tem com outra, ou que grupos de palavras têm entre si” (CAGLIARI, 1996, p. 62).

uma fronteira de constituintes. Já em (2'), uma pausa (ou algo semelhante) entre *chave* e *da porta* ficaria, pelo menos, estranha: a ausência de uma fronteira de constituintes levaria a supor que nada há a ser marcado aqui.

Enfim, as marcações prosódicas correspondem a fronteiras entre constituintes sintáticos preestabelecidos. Essa posição assume a proposta chomskiana de que a sintaxe é o componente central, e a reforça, ligando a sintaxe à semântica, de um lado, e à fonologia pelo outro lado.¹²

Nada contra essa posição, se estivermos pensando em competência. Mas, no processo comunicativo, certamente incremental, a interpretação dada ao enunciado pelo ouvinte não pode esperar que o enunciado se complete e que a estrutura sintática fique disponível, e deve, portanto, levar em consideração algum outro tipo de recurso interpretativo, entre os quais as eventuais marcas prosódicas que evidenciem a intenção do falante.

Minha proposta (minha provocação, na verdade) é que se inverta a direção. Como hipótese, estou propondo que é a prosódia que dá estrutura de constituintes às cadeias de símbolos. Que é a prosódia que *determina* a estrutura de constituintes.¹³ E que, portanto, em alguns casos ao menos, a prosódia não se guia por estruturas sintáticas preexistentes, mas é a estrutura sintática que se guia pelas marcas prosódicas.

Diante dessa hipótese, as questões a serem abordadas pelos estudos da prosódia da sentença poderiam (deveriam?) ser outras:

- 1 Em que consistiria a eventual estrutura prosódica que, aplicada a uma cadeia de símbolos, resultaria numa sentença? Como um foneticista descreveria a pronúncia particular de cada uma de nossas sentenças, por exemplo?
- 2 Qual a natureza "física" das marcas prosódicas que determinam a estrutura de constituintes? Seriam pausas? Seriam variações de frequência que marcariam fronteiras de grupos tonais? Seriam diferentes intensidades? O que seriam? Adianto minha impressão (não mais do que isso) de que, em casos como o de (4), parece haver algum tipo de focalização na expressão *da frente*, que a destaca do restante.

12 Certamente, há exceções. Mark Steedman (2000), por exemplo, propõe que é a prosódia que seleciona uma leitura semântica dentre todas as derivações permitidas pelas regras sintáticas numa gramática categorial combinatória (GCC) e que, portanto, a prosódia é responsável pela estrutura em constituintes.

13 Ao menos parcialmente. Não posso afastar a possibilidade de que outros fatores podem estar envolvidos na estruturação das sentenças. Dou apenas dois exemplos do que mais poderia acontecer: (1) A menina os meninos beijou e (2) O oceano singra o navio. No primeiro caso, a concordância determina o que é sujeito e o que é objeto; no segundo caso, a semântica dos itens lexicais mostra que o elemento posposto ao verbo é o sujeito. Não se pode desprezar, também, a hipótese de que fatores de ordem pragmática atuem fortemente nas interpretações dadas pelos ouvintes aos enunciados dos falantes.

- 3 É possível estabelecer, numa cadeia de símbolos arbitrária (importante: não em sentenças estruturadas), pontos em que é possível inserir marcas prosódicas? Há pontos privilegiados por determinados tipos de itens lexicais? Por quê? O que estou querendo dizer é que, aparentemente, pontos da cadeia de símbolos — por exemplo, a “fronteira” entre o artigo e o nome que o segue — não permitem eventos prosódicos definidores de estruturas, que podem aparecer em outros pontos. Talvez — imagino — eventos prosódicos estruturantes liguem-se a “unidades de sentido” e, portanto, só possam aparecer como marcações dessas unidades. Se for assim, só serão “constituintes” as porções da cadeia de símbolos que assumirem essa condição de “unidade de sentido” potencial, e os eventos prosódicos terão a função de demarcá-las.¹⁴

Enfim, o que esta provocação pretende é o encaminhamento da solução de um problema que me preocupa há alguns anos e para o qual não consegui obter resposta até hoje: *como é que a prosódia pode ajudar na compreensão de enunciados potencialmente ambíguos?*

14 Nesse caso, a ordem “sintaxe-semântica” teria que ser invertida e o postulado da centralidade da sintaxe estaria, pelo menos, sob suspeita.

REFERÊNCIAS

BORGES NETO, J. Semântica e sintaxe das línguas naturais. *In*: HORA, D. da; CHRISTIANO, E. (org.). *Estudos Lingüísticos: realidade brasileira*. João Pessoa: Idéia, 1999. p. 169-177.

CAGLIARI, L. C. Da importância da prosódia na descrição de fatos gramaticais. *In*: ILARI, R. (org.). *Gramática do português falado*. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996. v. II – Níveis de análise linguística, p. 39-64.

STEEDMAN, M. Information structure and the Syntax-Phonology Interface. *Linguistic Inquiry*, v. 31, n. 4, p. 649-689, 2000.

Squib recebido em 8 de maio de 2020.

Squib aceito em 6 de junho de 2020.